Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

O processo de criação em gravura: construção de uma proposta de trabalho em artes visuais para a educação de jovens e adultos

Autora: Simone Tissot Bastos José [1]
Orientadora: Ms Jackelyne Corrêa Veneza [2]
Orientador: Ms Renato Torres [3]

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre possibilidades metodológicas de ensino de Artes Visuais para jovens e adultos. Nesse sentido, busca-se estabelecer a relação entre os processos de ensino-aprendizagem e o ensino que considere a realidade do jovem e do adulto. Para embasar a pesquisa, partiu-se das teorias de processo de criação, do ensino da Arte para jovens e adultos, e de aspectos técnicos e históricos da gravura. Esse conjunto de escritos proporcionou a elaboração de atitudes significativas para os participantes. O trabalho foi realizado com alunos do CEEBJA Paulo Freire, em Curitiba. A implementação do projeto buscou explorar o cotidiano do jovem e adulto, valorizando sua cultura. No decorrer do projeto observou-se o interesse dos alunos em realizar as atividades e a sua motivação em realizar a disciplina.
Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos, Artes Visuais, Gravura, Xilogravura e Serigrafia.

1 Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de 1º e 2º grau/IBPEX, Graduada em Educação Artística – Habilitação: Artes Plásticas, Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Cursando o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/2013 pela EMBAP/PR.
2 Mestre em Educação na Área de Formação de Professores pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa
3 Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (2008). Graduado em Superior de Gravura pela Escola de Música e Belas Artes (2000) e Licenciatura em Desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1997).

O processo de criação em gravura: construção de uma proposta de trabalho em artes visuais para a educação de jovens e adultos

Introdução

O levantamento inicial realizado no CEEBJA Paulo Freire indicou que os alunos deixam a disciplina de Arte para se inscrever ao final do curso. A partir desta informação surgiu a indagação sobre os motivos que levam os alunos da Educação de Jovens e Adultos a usarem este critério para cumprir esta disciplina.

Assim, a escolha do presente tema deu-se por perceber a necessidade de tornar o ensino de Arte mais significativo para o aluno jovem e adulto, considerando-se que estes alunos são geralmente trabalhadores. Diante disso, optou-se por explorar o cotidiano do aluno, para que este se expresse por meio da Arte e socialize suas vivências.

A linguagem trabalhada foi a gravura, objetivando que este aluno conhecesse novos materiais e procedimentos artísticos, de modo a produzir trabalhos no contexto de seu cotidiano, valorizando assim sua própria cultura. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, buscando subsídios teóricos para a realização das atividades de serigrafia e xilogravura.

A prática educativa do professor na escola pública de jovens e adultos

No presente tópico será abordada a prática do professor na educação de jovens e adultos na escola pública. Será considerada a importância da LDB como uma legislação que propõe o desenvolvimento de ações voltadas à permanência do educando na escola, e das diretrizes de EJA, que propõe o trabalho docente significativo na formação do aluno. Em especial serão discutias as diretrizes da disciplina de Arte, que busca a realização de atividades que despertem no aluno reconhecimento da cultura predominante no seu meio social.

A educação de jovens e adultos exige do professor uma prática diferenciada, pois este lida com um público que geralmente já trabalha, portanto este “segundo turno” deve ser atraente. Nesse contexto, o docente deve agir da maneira mais democrática possível, o que solicita saberes específicos para que sua ação seja responsável e ética. De acordo com Paulo Freire:

> O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro não façam acusá-lo do que não fez são obrigações cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar (FREIRE,2010, p. 17).

Atuar com ética não é tarefa fácil, No processo de ensino-aprendizagem o professor deve evitar qualquer tipo de discriminação, seja de raça, gênero ou classe, independente do público com o qual esteja trabalhando. O educador deve se relacionar bem com os alunos, entendo que as diferentes experiências do aluno influem na sua forma de se relacionar com sua realidade. Os alunos devem perceber o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas das pessoas. Nesse sentido, Paulo Freire sugere que o professor deve ter compromisso com a sociedade:

> Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado, pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se (FREIRE, 1981, p. 17).

Segundo a LDB nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

> **Art. 37.** A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. **§ 2º** O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Diante disso, o professor deve constantemente refletir sobre sua prática, participando de cursos de formação continuada, para não só aperfeiçoar seus conhecimentos, como também discutir com seus pares a organização do trabalho pedagógico. Denota-se assim, a importância da implementação de Políticas Públicas direcionadas à formação deste professor que trabalham com o jovem e o adulto, uma formação não só voltada à sua disciplina específica, como também que considere realizar constantemente uma reflexão crítica sobre sua prática

pedagógica, embora essa discussão mereça um projeto em separado. Como argumenta Paulo Freire:

> Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também como salientei, em como ter uma prática educativa, em que aquele respeito que sei dever com o educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática educativa, em que aquele respeito que sei dever com o educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo minha própria avaliação com os educandos. O ideal é que cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo (p. 65, 2010).

A avaliação crítica sobre a própria prática educativa revela-se uma necessidade para o educador, que deve desenvolver qualidades para pensar com respeito em relação ao aluno.

As Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos são destinadas aos educandos jovens, adultos e idosos, considerando-os sujeitos do conhecimento e aprendizagem, de sua história e condição socioeconômica, seu lugar nas relações de poder, sua diversidade étnico racial, cultural, entre outras.

Diante do perfil traçado e da concepção de currículo como processo de seleção da cultura, foram definidos três eixos articuladores para a educação de jovens e adultos: a cultura, o trabalho e o tempo: A busca pela ampliação do atendimento à escolarização da população jovem e adulta pelos sistemas estaduais se vincula às conquistas legais referenciadas pela Constituição Federal de 1988, na qual a Educação de Jovens e Adultos passou a ser reconhecida como modalidade específica da educação básica, no conjunto das políticas educacionais brasileiras, estabelecendo-se o direito à educação gratuita para todos os indivíduos, inclusive aos que a ela não tiveram acesso na denominada idade própria (PARANÁ, 2006, p.20).

Em 2001, a educação de jovens e adultos foi incluída no Plano Nacional de Educação, e a partir de sua aprovação, reconhece ser necessário produzir materiais didáticos e técnicas pedagógicas apropriadas, além da especialização do seu corpo docente. No Paraná, em 2002, foi criado o Fórum Paranaense de EJA, que articula instituições governamentais, não governamentais, empresariais, acadêmicas e

movimentos sociais, em reuniões regionais e estaduais, objetivando discutir e defender a educação de jovens e adultos, pública e de qualidade (PARANÁ, 2006).

A partir da construção das Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos foram analisadas propostas pedagógicas de EJA, buscando junto aos profissionais atuantes nessa modalidade de ensino, bem como dos educandos propostas de trabalho que se identifiquem com esses alunos, através da flexibilização do processo ensino-aprendizagem. Esse foi um processo estudos, reflexões, debates, chegando-se a conclusão da necessidade de uma pedagogia que vise o acesso, a permanência, mas acima de tudo a terminalidade dos estudos com sucesso.

Para o trabalho do ensino de Arte com jovens e adultos destaca-se a importância da leitura das Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica, pois embora não seja um documento específico para o público jovem e adulto, esse caderno apresenta um histórico sobre a constituição da disciplina como campo do conhecimento, contextualiza os interesses políticos, econômicos e sociais que interferem na seleção dos saberes e nas práticas de ensino e por fim expõe os fundamentos teórico-metodológicos e os conteúdos estruturantes para a organização do trabalho pedagógico (PARANÁ, 2008). De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica de Arte:

> As diferentes formas de pensar a Arte e o seu ensino são constituídas nas relações socioculturais, econômicas e políticas do momento histórico em que se desenvolveram. Nesse sentido, as diversas teorias sobre a arte estabelecem referências sobre a função social, tais como: da arte poder servir à ética, à política, à religião, à ideologia, ser utilitária ou mágica, transformar-se em mercadoria ou simplesmente proporcionar prazer (PARANÁ, 2006, p.20).

Diante disso, a disciplina de Arte deve proporcionar ao aluno jovem e adulto um conhecimento sistematizado em Arte. Deve também, possibilitar ao educando a experiência de um trabalho de criação, para que ele possa dominar todo o seu processo produtivo.

O ensino de gravura

O presente tópico foi dividido em três etapas, na primeira será abordado a “História da Gravura”, tema que permitirá ao aluno aprofundar a compreensão sobre

a memória da gravura e sua relação com a sociedade. A segunda etapa intitulada “O ensino de gravura no Paraná”, que revela momentos de destaque da gravura em nosso Estado e na última “Gravura na escola”, que ressalta a relevância do trabalho desta linguagem em sala de aula.

Reconhece-se a importância de um resgate inicial sobre a história da gravura para permitir ao aluno jovem e adulto conhecer mais sobre essa linguagem e compreender a sua dimensão histórica. No sentido amplo, gravar é uma atividade utilizada desde a antiguidade, em quase todas as culturas. Desde a pré-história, esteve presente a ideia de produção de riscos, ranhuras e incisões. Conforme Fajardo, Sussekind e Vale:

> De um modo geral, pode-se dizer que a gravura nasceu na caverna do homem da pedra, avançou na escuridão dos tempos pré-históricos, decorou palácios do velho Egito e templos dedicados aos mais variados deuses. Historicamente, a origem da gravura se confunde com as origens da impressão. A gravação em pedra ou madeira usando uma matriz para a impressão é conhecida pelos chineses desde o século II (FAJARDO; SUSSEKIND; VALE,1999, p. 11-12).

Acredita-se que a xilogravura inicialmente era feita em tecidos, mais tarde surgiu a xilogravura em papel. A mais antiga xilogravura em papel existente ilustra um exemplar da oração budista Sutra Diamante, na China. “Nos séculos quatorze e quinze, os europeus utilizaram intensamente a xilogravura para produzir imagens sacras (santinhos) e cartas de baralho.” (COSTELLA, 2006, p. 35). De acordo com Fajardo, Sussekind e Vale:

> O desenvolvimento da gravura no mundo ocidental está ligado ao aparecimento do papel na Europa. Conhecido há muito pelos chineses, o segredo do papel chegou ao Ocidente por um longo e acidentado caminho. Em 751, na batalha de Atlah, os árabes capturaram os fabricantes de papel e os instalaram em Samarland. De lá, o papel chegou à Europa pela rota das caravanas, chegando primeiro à Espanha e depois à Itália, em meados do século XIV. Antes disso, os europeus estavam limitados à escrever e desenhar em pergaminhos, menos duráveis e de mais fácil manipulação. Os poucos livros que existiam eram escritos à mão pelo pergaminho – um tipo de folha para escrever feita a partir da pele de animais – e pertenciam à igreja. As pessoas que se dedicavam à vida religiosa tinham, portanto, o privilégio de poder ler as Sagradas Escrituras. [...] No final do século XIV, fim da Idade Média, surgem as primeiras manifestações de gravura na Europa. E a xilogravura era a única forma conhecida na época. Gravava-se numa matriz de madeira, deixando o desenho a ser impresso em relevo. A imprensa, impressão de escritos e livros era toda feita em xilogravura. [...] A primeira xilogravura é datada de 1423. É uma imagem de São Cristóvão conservada até hoje em Manchester, Inglaterra (FAJARDO; SUSSEKIND; 1999, p. 12-13).

A impressão tabular se impõe a partir do século XV, em substituição ao manuscrito e a iluminura, possibilitando divulgar e democratizar o conhecimento da época. Na metade do século XV surge a gravura em metal, utilizando-se a prensa. Seu início esteve ligado ao profissional que trabalhava com jóias, o ourives (MARTINS, 1987).

Em 1513 foi descoberta a “água forte” por Urs Graf, técnica que utiliza uma chapa metálica que é coberta com um verniz impermeabilizante, depois o desenho é feito com uma ponta de metal, que remove o verniz onde está o traço. Após, a chapa é mergulhada num ácido que ataca a parte exposta pelo traçado gravando assim o desenho (FAJARDO; SUSSEKIND; VALE, 1999).

O grafismo é muito valorizado na arte alemã, “surgem então feiras de gravuras alemãs no Países Baixos e na Itália”. Pois, há possibilidade de comercializar as obras a preços baixos. No universo da gravura, destacam-se quatro grandes grupos quanto à maneira como são produzidas as imagens, são eles: a xilogravura, feita a partir da madeira, a litografia, feita em matriz de pedra, a gravura em metal e por fim a serigrafia, feita a partir de uma tela (FAJARDO; SUSSEKIND; VALE, 1999).

A mais antiga das gravuras é a xilogravura, sua técnica é também a mais simples. A palavra xilogravura vem de *xylon* (do grego), que significa madeira e *grapheim* (do grego), que quer dizer escrever. Existem tipos de madeiras mais adequados para o trabalho com xilogravura, como a peroba rosa e a peroba do campo, entre outras (FAJARDO; SUSSEKIND; VALE, 1999). No Paraná usa-se muito a imbuia. As madeiras mais duras são encomendadas. Os materiais utilizados na xilogravura são o buril, as goivas, os formões e as facas; com o uso desses instrumentos escava-se a madeira, formando a matriz.

Na litografia, as pedras calcárias utilizadas são placas retangulares de diferentes dimensões, na maioria das vezes oriundas da Alemanha e da Rússia. Dependendo do tom da pedra podemos avaliar sua qualidade, a pedra cinza possui granulação mais suave que a amarela possibilitando a realização de trabalhos delicados, com variações de tons (FAJARDO; SUSSEKIND; VALE, 1999). O processo de gravação acontece por reação química, o lápis gorduroso grava as imagens na pedra.

Na Serigrafia a matriz utilizada, constitui-se de uma tela esticada em um bastidor ou em um chassi de madeira. Essa tela originalmente foi de seda, posteriormente passaram a utilizar organdi, poliéster, nylon e outros sintéticos, e ainda o metal, como detalha Costella (2006, p.112). Martins define a serigrafia:

> Nessa modalidade a estampa é obtida através de puxadores de tinta (rolo compressor), que a fazem passar através das partes vazadas de uma tela de nylon ou de seda. Corresponde, na indústria gráfica do gênero, ao processo *silkscreen*, técnica hoje intensamente utilizada em trabalhos comerciais, publicitários e artísticos (MARTINS, 1987).

No Brasil, a serigrafia foi utilizada na Arte pela primeira vez com Dionísio Del Santo. Há registros de trabalhos de outros artistas desenvolvidos em serigrafia comercial, como por exemplo, os cartazes para o filme “Orfeu da Conceição”, produzidos por Carlos Scliar, junto com Djanira, Raimundo de Oliveira e Luiz Ventura (COSTELLA, 2006, p.116).

O ensino de gravura no Paraná

Para melhor entendimento sobre o trabalho de gravura no estado, resgatou-se o histórico do ensino da gravura no Paraná, com base no artigo intitulado: “O ensino da gravura de Arte no Paraná”, de Andrade e Torres. Tema de extrema importância para o presente projeto, tendo em vista que possibilita ao educando jovem e adulto acesso a um conhecimento que contribua para a construção de sua identidade.

No início, a técnica de gravura esteve ligada ao avanço da imprensa. No entanto, a sua continuidade deu-se pelo interesse que artistas tiveram em pesquisar e formar novos gravuristas (ANDRADE; TORRES, 2009).

Andrade e Torres (2009), sugerem que a gravura de arte se destaca na história da arte do Paraná principalmente na década de 1980. Entretanto, esse momento é fruto de um longo desenvolvimento da gravura no estado do Paraná. O primeiro registro da gravura no ensino de artes no Paraná é marcado pelo convênio realizado entre a Escola de Artes e Indústria e a oficina da litografia de Figueiras. Na Escola de Mariano de Lima foram realizadas importantes exposições com prêmios e publicações. Mais tarde esta escola teve alteração de denominação para Escola de Belas Artes e Indústrias e seu currículo baseava-se no currículo da Escola Nacional

de Belas Artes do Rio de Janeiro, com especialização em Música, Desenho Artístico, Arquitetura, Escultura, Pintura e Gravura. Embora o curso de Gravura nunca tenha sido realizado (OSINSKI, 1998).

Com a oficialização dos cursos, os alunos da escola concorreram a bolsas de estudo no Rio de Janeiro e Europa. João Zaco Paraná foi um dos artistas que recebeu bolsa de estudos, incentivando outros artistas a participarem. O Paraná teve nomes importantes que mudaram os rumos da arte na capital, tais como: Alfredo Andersen, Frederico Lange de Morretes, Estanislaw Traple e Rudolf Doubeck. Nomes estes, que realizaram as primeiras gravuras com intenção artística no Paraná, utilizando a litografia (ANDRADE; TORRES, 2009).

De acordo com Andrade e Torres (2009), década de 1920 foi da mais alta importância para as artes gráficas do Paraná, quando diversos profissionais estrangeiros influenciaram o avanço da ilustração paranaense, destacando nomes como Mário de Barros (Heronio) e Aureliano Silveira (Sylvio), que se especializaram em xilogravura e litografia na Escola de Mariano de Lima. Guido Viaro chegou à Curitiba e criou a primeira Escolinha de Arte do Brasil, em 1997. Foi também um dos professores que fundou a Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Seu trabalho foi importante tanto para crianças quanto para a formação de professores. Segundo depoimentos de alunos de Viaro, os trabalhos de gravura eram realizados em prensas de padaria, e os de xilogravura eram feitas em madeiras usadas para a fabricação de armários.

Poty Lazzarotto foi um grande nome da gravura no Estado do Paraná. Participou como ilustrador, junto de Viaro, da publicação da Revista Joaquim, revista de grande relevância para a arte e a cultura paranaenses. Nesse período destaca-se também o Clube da Gravura, formado por alunos dos cursos de gravura de Poty. Posteriormente o Clube da Gravura passou a ser chamado Centro de Gravura. Em Curitiba, destacam-se locais importantes em relação ao desenvolvimento de cursos de gravura, como o Centro de Criatividade de Curitiba na década de 1970 (que hoje não oferece mais esses cursos) e a Casa da Gravura no Solar do Barão, que atualmente ainda oferece cursos livres de gravura, abrigando inclusive o Museu da Gravura (ANDRADE; TORRES, 2009).

Gravura na Escola

O ensino de gravura pode proporcionar um amplo campo de estudos e contribui para a integração entre a escola e a sociedade, por meio do trabalho individual e em equipe. Para montar uma oficina de gravura podem ser utilizados poucos recursos, como um rolo de borracha, tacos de madeira, goivas, tinta e uma colher.

A gravura na escola e na vida da criança tem início com o próprio uso das mãos. É importante que as pessoas, preocupadas com o emprego e uso de materiais sofisticados, não esqueçam de usar as mãos como veículo direto que permite desenvolver a sensibilidade através do tato (MARTINS,1987, p. 202).

Ao entrar em contato com materiais artísticos, o aluno estará em constante descoberta, ao mesmo tempo que canaliza um ambiente de liberdade, o que contribui para que a relação professor-aluno seja de confiança, como afirma Martins:

> Mas para isso ser conseguido em sua plenitude é preciso sentir seus anseios, estimular-lhes a criação, viver a arte como uma meta que vise a elevar o aluno através de um sentido de respeito ao seu potencial, e que por certo conduzi-lo-á a um sentimento de segurança e felicidade (1987, p.202).

O ensino de gravura visa contribuir para o desenvolvimento da atividade criativa na escola, ao entrar em contato com técnicas diversificadas, que “revelam a surpresa da imagem invertida e que permitem tintagem do suporte e que conduz à ansiedade da prova” (Martins, 1987, p. 202 - 203).

Através do trabalho com gravura, que utiliza textura e incisão, o aluno pode externar suas emoções e por meio de sua obra realizar-se pessoalmente. A imagem é sem dúvida uma das maiores formas de expressão do homem. Talvez seja a primeira forma que encontrou de transcender o tempo, passar séculos e séculos, deixando para os olhos do observador o que estava sentindo o artista quando a representou. Ela conta a própria história do homem e inspira sua imaginação (SECRETARIA, 1998, p. 3).

Ao levar a gravura para a escola, especificamente ao jovem e adulto, se pretende sentir seus anseios, para que o educando se expresse por meio de uma imagem, aguçando a sua sensibilidade, polindo os sentidos para se tornar um bom observador e fazendo com que sua criatividade seja expressa.

No trabalho de gravura na instituição de ensino objetiva-se colocar o aluno jovem e adulto em contato com uma forma de expressão que pode ser reproduzida,

despertando em cada um o gosto pela Arte, para que esta possa fazer parte do cotidiano do aluno.

Processos de Criação em Gravura

O Museu Oscar Niemayer, no ano de 2013, abrigou uma exposição sobre a obra do poeta curitibano Paulo Leminski, e entre os trabalhos expostos pode-se visualizar os instrumentos do processo de criação artística do renomado autor, como: bilhetes, anotações, rascunhos, ou seja os instrumentos do processo de criação artística do escritor. Calvino (citado por Salles, 2009, p. 28) afirma que a arte é uma cadeia infinita de agregação de ideias, ou uma série de aproximações para atingi-la.

Murray Louis (citado por Salles, 2009, p. 28) conclui: “Arte não é só o produto considerado acabado pelo artista, o público não tem ideia de quanta esplêndida arte perde por não assistir aos ensaios”. De acordo com Salles entendemos que a produção de Arte é um processo.

> O trabalho criador mostra-se como um complexo percurso de transformações múltiplas por meio do qual algo passa a existir […] A própria ideia de criação implica desenvolvimento, crescimento e vida; consequentemente; não há lugar para metas estabelecidas “a priori” e alcances mecânicos (Salles, 2009, p. 30).

A partir de um projeto artístico, o autor segue e seu percurso criador, com uma sequência de tentativas. Este processo é tão ou mais importante que o resultado final, pois é neste processo que estão as inquietações, é o momento do artista com sua obra. Salles conclui:

> Aceitar a intervenção do imprevisto implica compreender que o artista poderia ter feito aquela obra de modo diferente daquele que fez. Aceita-se que há concretizações alternativas – admite-se que outras obras teriam sido possíveis (Salles, 2009, p. 37)

Salles sustenta que o imprevisto sempre estará presente na produção do artista.

> É importante ressaltar que a mera constatação da influência do contexto não nos leva ao processo propriamente dito. O que se busca é como esse tempo e espaço, em que o artista está imerso, passem a pertencer à obra.

> Como a realidade externa penetra o mundo que a obra apresenta (Salles, 2009, p. 41).

No presente projeto, o autor é o aluno, cabe ao professor observar atentamente todo o processo de criação do aluno para compreender o seu percurso e auxiliar nas dificuldades que possa encontrar. Não há, portanto, uma teoria fechada e pronta anterior ao fazer. A ação da mão do artista vai revelando esse projeto em construção. As tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são leis em estado de construção e transformação. Trata-se de um conjunto de princípios que colocam uma obra em criação específica e a obra de um artista como um todo em constante avaliação e julgamentos (Salles, 2009).

Como ponto de partida um projeto, elaborado pelo autor (aluno), seu pensamento vai sendo colocado prática, a partir de diálogos internos e reflexões, muitas vezes colocados anteriormente em rascunhos, anotações, etc.

"A atividade criativa consiste em transpor certas possibilidades latentes para o real" (OSTROWER, 2002, p. 5). A autora afirma também que os processos de criação são inerentes ao ser humano e que graças a esses processos o homem pode evitar sua alienação. Cabe ao professor a tarefa de incentivar o aluno a dar forma à sua imaginação criativa, e assim este indivíduo irá "conscientizar-se de sua existência individual para conscientizar-se de sua existência social" (OSTROWER,2002, p. 10). Assim, entende-se que o aluno deve ter a oportunidade do processo de criação, considerando suas experiências individuais e o conhecimento construído.

No segundo ano do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, realizamos o Grupo de Trabalho em Rede – GTR, que é uma interação virtual entre professores PDE e demais professores da Rede Pública Estadual, que tem como um dos objetivos socializar o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola. Contou com a participação de dezessete professores de Arte da Rede Pública.

Os professores salientaram que os alunos necessitam desenvolver aulas diferenciadas não apenas na EJA, como também no ensino regular, acreditam que o tema do presente projeto é atrativo e pertinente. Houve diversas sugestões dos professores, como um trabalho que integre gravura, música e folclore regional. Sugeriram também o uso de leituras das obras de Poty Lazzarotto e sua relação com pontos turísticos, como Foz do Iguaçu, e dessa forma retratar a História do Paraná.

Nessa pesquisa foram propostas atividades que se desenvolveram a partir da utilização de material alternativo como o isopor e a tarefa de fotografar cenários e transformá-los em gravura. Houve colocações sobre o respeito ao cotidiano do aluno, pensando na história e bagagem cultural de cada um. Considerou-se que o trabalho com a serigrafia desenvolveria a criatividade do aluno, bem como possibilitaria ao educando utilizá-la para consumo próprio ou como atividade profissional.

Pesquisa de Campo

Na presente pesquisa foi realizada a abordagem qualitativa, na qual os dados descritivos são obtidos mediante contato direto e interativo com o objeto de estudo. Como define Neves: “Nas pesquisas qualitativas é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada, e a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados” (NEVES, 1996, p. 1).

Os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e quanto aos objetivos (NEVES, 1996, p. 1). Para Godoy (1995) as características da abordagem qualitativa são: ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador e enfoque indutivo.

Dadas as características do presente projeto, definiu-se a pesquisa ação como método de estudo, pois trata de uma metodologia versátil, seja para avaliar uma ação em sala de aula ou para propor mudanças na prática pedagógica. Para Moreira e Caleffe, as características da pesquisa ação são:

> a) a pesquisa-ação é situacional – está preocupada com o diagnóstico do problema em um contexto específico para tentar resolvê-lo nesse contexto; b) é usualmente (embora não inevitavelmente colaborativa – equipes de pesquisadores trabalham juntos no projeto; c) ela é participativa – os participantes da equipe tomam parte diretamente ou indiretamente na implementação da pesquisa; d) ela é autoavaliativa – as modificações são continuamente avaliadas, pois o principal objetivo é melhorar a prática. (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 90)

Seguindo essas premissas, o trabalho foi realizado com alunos da Fase II do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos, e aplicado no Centro Estadual da Educação Básica de Jovens e Adultos Paulo Freire, do município de Curitiba. A justificativa da escolha do público-alvo, deve-se ao fato de que são alunos do Ensino Fundamental e que possivelmente já tem uma experiência anterior com a disciplina de Arte, então pode-se avaliar melhor que critérios utilizam para optar por uma disciplina em detrimento de outra.

As atividades realizadas foram: apresentação do Projeto de Intervenção Pedagógica aos professores de Arte, Direção e equipe pedagógica; entrevista com os alunos para identificar o perfil de cada um, bem como suas expectativas com relação à disciplina; estudo sobre a história da gravura no mundo, no Brasil e no Paraná; visita ao Solar do Barão/Museu da Gravura; trabalho com serigrafia e com xilogravura; exposição dos trabalhos na Biblioteca Pública do Paraná.

O projeto iniciou com a apresentação das intenções de implementação aos professores de Arte da escola, objetivando que os procedimentos a serem desenvolvidos fossem socializados, como também para a obtenção de apoio do grupo de educadores. A implementação foi dirigida aos alunos do Ensino Fundamental – Fase II, do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos Paulo Freire, do município de Curitiba, Paraná. A turma tinha 20 alunos, entre jovens, adultos, idosos, alunos com baixa visão e com deficiência intelectual.

No primeiro momento ocorreu a apresentação de material audiovisual aos alunos e discussão sobre o tema: História da Gravura no Mundo, no Brasil e no Paraná, utilizando a Unidade Didática elaborada no segundo semestre do PDE. Como parte integrante do processo foi realizada uma visita ao Museu de Gravura da Cidade de Curitiba, local tombado pelo patrimônio histórico, voltado especificamente para a Gravura e conta com acervo de obras de artistas renomados.

Nesta visita, os alunos conheceram os ateliês de serigrafia, xilogravura, gravura em metal e litografia (ver imagem 1). Receberam informações sobre a serigrafia de renomados artistas, como Nelson Hollmann, que ministra aulas de serigrafia e xilogravura, Denise Roman, que orienta a oficina de litografia e gravura em metal e Andrea Las, que ministra oficina de serigrafia e gravura em metal. Para finalizar a visita técnica os educandos participaram da oficina de Serigrafia espontânea, na qual puderam experimentar a criação de suas próprias matrizes.

Imagem 1 – Visita ao Solar do Barão
(Arquivo pessoal da autora)

A linguagem escolhida para o trabalho com os alunos foi a serigrafia, para possibilitar o conhecimento desta arte milenar. A turma foi dividida em grupos, cada grupo iniciou a montagem da tela com chassi, grampos, martelo e o tecido nylon. Para impermeabilizar a tela os alunos utilizaram a emulsão e o sensibilizante e então colocaram no sol para secar.

Foi proposta a atividade “De volta ao passado”, na qual os alunos deveriam escolher uma imagem que remetesse ao seu passado. Cada qual fez o seu desenho e recortou, preparando a máscara para realizar a serigrafia. Após o estudo das cores, os alunos puderam experimentar a confecção de tinta utilizando materiais

alternativos. Foram utilizados arrozina, água e pigmento de tinta, levando essa mistura ao fogo e misturando até formar um mingau.

Cada aluno escolheu a primeira cor de tinta para passar sobre a sua matriz, depois de seca utilizaram a segunda cor. Os trabalhos foram expostos na sala para observação e comentários sobre o processo, bem como sobre os resultados (ver imagem 2).

Imagem 2 – Atividade com Serigrafia
(Arquivo pessoal da autora)

A segunda linguagem escolhida para trabalhar na sala de aula foi a xilogravura, utilizou-se o vídeo da série Arte na Escola: “A xilogravura de Rubem Grilo”, que apresenta uma visita do Arte na Escola ao atelier do artista, no qual ele expõe seu percurso criativo e tece comentários sobre suas obras, aponta em seus trabalhos analogias com a história em quadrinhos e o cinema.

Paralelamente os alunos fizeram uma pesquisa sobre a literatura de cordel, com apresentação de artistas e seus poemas.

> A literatura de cordel é uma expressão literária popular característica do interior do Nordeste, em especial dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Caracteriza-se essencialmente por sua estrutura narrativa, a composição em versos, a impressão em pequenos folhetos de papel jornal ilustrados com xilogravuras, e objetivo de ser declamada nas feiras públicas. Esses folhetos normalmente são expostos em cordas, por isso a denominação "literatura de cordel". É construída de acordo com um vasto repertório de formas poéticas fixas que delimitam a quantidade de sílabas poéticas, de versos e a disposição das rimas na estrofe (ANÁLISE, 2013).

Os alunos puderam apreciar algumas xilogravuras do livro: A arte de J. Borges: do cordel à xilogravura, que é resultado da mostra que revela a trajetória de vida e obra do artista, por meio de seus trabalhos.

O tema proposto para que cada aluno realizasse sua xilogravura foi o poema “Os sete constituintes ou os animais têm razão” (ver anexo 1), de Antônio Francisco, natural de Mossoró, Rio Grande do Norte e membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Cada aluno escolheu uma estrofe do poema e fez a ilustração na madeira, para a realização dos entalhes foram utilizadas goivas. Para entintar a matriz todos usaram camisetas velhas e avental. Os trabalhos foram deixados para secar numa prateleira, separados um a um, nos fundos de um depósito, por não ter lugar na sala de aula. Após a secagem os alunos fizeram a moldura em papel canson para a sua arte (ver imagem 3).

Imagem 3 – Atividade com Xilogravura
(Arquivo pessoal da autora)

Os trabalhos foram expostos na Biblioteca Pública do Paraná, segue cópia da notícia veiculada na página da Biblioteca e enviada por e-mail aos professores da Rede Pública Estadual (ver imagem 4).

Notícias

11/08/2014

Alunos expõem xilogravuras na BPP

De 11 a 22 de agosto, a Biblioteca Pública do Paraná recebe a exposição “Gravura na Escola”, que apresenta xilogravuras dos alunos do Centro de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA) Paulo Freire, desenvolvidas a partir do trabalho do PDE — Projeto de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED).

As imagens foram inspiradas no poema de cordel “Os sete constituintes: os animais têm razão”, de autoria de Antônio Francisco, escritor membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. O projeto foi orientado pelo artista plástico Renato Torres.

Serviço:
“Gravura na Escola”

Hall do 2º andar da BPP
Data: 11 à 22 de agosto
Horário: 8h30 às 20h
Informações: (41) 3321-4974
Entrada Franca

Imagem 4 – Arquivo de Notícias
Disponível em www.bpp.pr.gov.br
Acesso em 02/12/14

Com base nos elementos apresentados na presente pesquisa, consideramos que os objetivos iniciais foram atingidos, possibilitando que o cotidiano do aluno fosse levado para a sala de aula e que este aluno despertasse seu interesse pela disciplina de Arte, tornando sua prática mais significativa. Acredita-se que o trabalho docente deve proporcionar ao aluno possibilidade de produzir e criar. E o ensino da Arte deve proporcionar ao aluno o prazer da criação, sua autonomia, sua construção de identidade (FREIRE, 2010).

Um dos pontos a serem destacados foi apoio recebido da Direção e professores da escola, sempre dispondo de materiais e tempo para a realização do projeto com êxito. Uma questão a ser melhorada é o espaço da sala de Arte, que em virtude de ser um número menor de alunos matriculados é localizado na menor sala da escola e possui algumas carteiras de braço, fazendo com que as atividades fossem improvisadas, ou fossem escolhidos outros locais de trabalho.

A exposição de xilogravura feita pelos alunos na Biblioteca Pública foi um momento muito importante, que contribuiu com a autoestima dos alunos, proporcionando a socialização do resultado. de um trabalho feito por alunos jovens e adultos à comunidade curitibana.

Muitos alunos indagaram sobre a possibilidade de realizar atividades com gravura em metal ou mesmo a litografia, o que demonstrou que estes gostaram de participar do trabalho. Acredita-se também, que os professores de Arte da escola podem incorporar as práticas, pois vivenciaram e acompanharam as experiências dos educandos.

A presente pesquisa poderá ser estendida também ao ensino regular, possibilitando que o aluno reflita sobre o seu cotidiano, desenvolvendo também seu pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

ANÁLISE: Literatura de Cordel. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo9658/literatura-de-cordel. Acesso em: abr de 2013.

ANDRADE, Vania Maria da Silva; TORRES, Renato. **O ensino de gravura de arte no Paraná.** In: VIII Congresso Nacional de Educação – Educere. Curitiba: PUCPR, 2009.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9393/96.** Brasília: Ministério da Educação, 1996.

COSTELLA, Antônio F. **Introdução à Gravura e à sua História.** Editora Mantiqueira. Campos do Jordão: 2006.

FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; VALE, Márcio. **Oficinas:** gravura. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 26 ed. Paz e Terra. São Paulo: 2002.

GODOY, Arilda S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** In: Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, Mar/Abr. 1995, p. 57-93.

MARTINS, Itajahy. **Gravura:** arte e técnica. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.

MOREIRA, Herivelto. CALEFFE, Luiz. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador.** DP&A. Rio de Janeiro, 2008.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualitativa:** características, usos e possibilidades. In: Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, vol. 1, nº 3, 1996.

OSINSKI, Dulce R. B. **Ensino da arte:** os pioneiros e a influência estratégica da arte educação em Curitiba. Dissertação UFPR. Curitiba, 1998.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PAIVA, Vanilda P. **Educação popular e educação de adultos.** 5 ed. São Paulo: Loyola, 1983.

PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos.** Curitiba: SEED, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado:** Processo de Criação Artística. 4 ed. São Paulo: FAPESP Anna Blume, 2009.

ANEXO 1 – Literatura de Cordel

OS ANIMAIS TÊM RAZÃO
Autor: Antonio Francisco

Quem já passou no sertão
E viu o solo rachado,
A caatinga cor de cinza,
Duvido não ter parado
Pra ficar olhando o verde
Do juazeiro copado.

E sair dali pensando:
Como pode a natureza
Num clima tão quente e seco,
Numa terra indefesa
Com tanta adversidade
Criar tamanha beleza.

O juazeiro, seu moço,
É pra nós a resistência,
A força, a garra e a saga,
O grito de independência
Do sertanejo que luta
Na frente da emergência.

Nos seus galhos se agasalham
Do periquito ao cancão.
É hotel de retirante
Que anda de pé no chão
O general da caatinga
E o vigia do sertão.

E foi debaixo de um deles
Que eu vi um porco falando,
Um cachorro e uma cobra
E um burro reclamando,
Um rato e um morcego
E uma vaca escutando.

Isso já faz tanto tempo
Que eu nem me lembro mais
Se foi pra lá de Fortim,
Se foi pra cá de Cristais,
Eu só me lembro direito
Do que disse os animais.

Eu vinha de Canindé
Com sono e muito cansado,
Quando vi perto da estrada
Um juazeiro copado.
Subi, armei minha rede
E fiquei ali deitado.

Como a noite estava linda
Procurei ver o cruzeiro,
Mas, cansado como estava,
Peguei no sono ligeiro.
Só acordei com uns gritos
Debaixo do juazeiro.

Quando eu olhei para baixo
Eu vi um porco falando,
Um cachorro e uma cobra
E um burro reclamando,
Um rato e um morcego
E uma vaca escutando.

O porco dizia assim:
"Pelas barbas do capeta
Se nós ficarmos parado
A coisa vai ficar preta
Do jeito que o homem vai,
Vai acabar o planeta.

Já sujaram os sete mares
Do Atlântico ao mar Egeu,
As florestas estão capengas,
Os rios da cor de breu
E ainda por cima dizem
Que o seboso sou eu.

Os bichos bateram palmas,
O porco deu com a mão,
O rato se levantou
E disse: "prestem atenção",
Eu também já não suporto
Ser chamado de ladrão.

O homem, sim, mente e rouba,
Vende a honra, compra o
nome.
Nós só pegamos a sobra
Daquilo que ele come
E somente o necessário
Pra saciar nossa fome.

Palmas, gritos e assovios
Ecoaram na floresta,
A vaca se levantou
E disse franzindo a testa:
Eu convívio com o homem,
Mas sei que ele não presta.

É um mal-agradecido,
Orgulhoso, inconsciente.
É doido e se faz de cego,
E não sente o que a gente
sente,
E quando nasce e tomando
A pulso o leite da gente.

Entre aplausos e gritos,
A cobra se levantou,
Ficou na ponta do rabo
E disse: também eu sou
Perseguida pelo homem
Pra todo canto que vou.

Pra vocês o homem é ruim,
Mas pra nós ele é cruel.
Mata a cobra, tira o couro,
Come a carne, estoura o fel,
Descarrega todo o ódio
Em cima da cascavel.

É certo, eu tenho veneno,
Mas nunca fiz um canhão.

E entre mim e o homem,
Há uma contradição
O meu veneno é na preza,
O dele no coração.

Entre os venenos do homem
O meu se perde na sobra...
Numa guerra o homem mata
Centenas numa manobra,
Inda cego que diz:
Eu tenho medo de cobra.

A cobra inda quis falar,
Mas, de repente, um esturro.
É que o rato, pulando,
Pisou no rabo do burro
E o burro partiu pra cima
Do rato pra dar-lhe um murro.

Mas, o morcego notando
Que ia acabar a paz,
Pulou na frente do burro
E disse: calma rapaz!...
Baixe a guarda, abra o casco,
Não faça o que o homem faz.

O burro pediu desculpas
E disse: muito obrigado,
Me perdoe se fui grosseiro,
É que eu ando estressado
De tanto apanhar do homem
Sem nunca ter revidado.

O rato disse: seu burro,
Você sofre porque quer.
Tem força por quatro homens,
Da carroça é o chofer...
Sabe dar coice e morder,
Só apanha se quiser.

O burro disse: eu sei
Que sou melhor do que ele,
Mas se eu morder o homem
Ou se eu der um coice nele
É mesmo que está trocando
O meu juízo no dele

Os bichos todos gritaram:
Burro, burro... muito bem!

O burro disse: obrigado,
Mas aqui ainda tem
O cachorro e o morcego
Que querem falar também.

O cachorro disse: amigos,
Todos vocês têm razão...
O homem é um quase nada
Rodando na contramão,
Um quebra-cabeça humano
Sem prumo e sem direção.

Eu nunca vou entender
Por que o homem é assim:
Se odeiam, fazem guerra
E tudo quanto é ruim
E a vacina da raiva
Em vez deles, dão em mim.

Os bichos bateram palmas
E gritaram: vá em frente.
Mas o cachorro parou,
Disse: obrigado, gente,
Mas falta ainda o morcego
Dizer o que ele sente.

O morcego abriu as asas,
Deu uma grande risada
Eu disse: eu sou o único
Que não posso dizer nada
Porque o homem pra nós
Tem sido até camarada.

Constrói castelos enormes
Com torre, sino e altar,
Põe cerâmica e azulejos
E dão pra gente morar
E deixam milhares deles
Nas ruas, sem ter um lar.

O morcego bateu asas,
Se perdeu na escuridão,
O rato perdeu a vez,
Mas não ouvi nada, não,
Peguei no sono e perdi
O fim da reunião.

Quando o dia amanheceu,
Eu desci do meu poleiro.
Procurei os animais,
Não vi mais nem o roteiro.
Vi somente umas pegadas
Debaixo do juazeiro.

Eu disse olhando as pegadas:
Se essa reunião
Tivesse sido por nós,
Estava coberto o chão
De piubas de cigarros,
Guardanapos e papelão.

Botei a maca nas costas
E sai cortando vente.
Tirei a viagem toda
Sem tirar do pensamento
Os sete bichos zombando
Do nosso comportamento.

Hoje, quando vejo na rua
Um rato morto no chão,
Um burro mulo piado,
Um homem com um facão
Agredindo a natureza,
Eu tenho plena certeza:
Os animais têm razão.